

DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL EM PEQUENAS CIDADES: O CASO DA CIDADE DE FAROL (PR)

Sociospatial differentiation in small cities: the case of city Farol (PR)

Franciele Miranda Ferreira Dias¹
Diana Aparecida de Lima²

¹ **Universidade Estadual de Maringá**
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Av. Colombo, 5790, Bloco H12, Maringá – PR, Brasil - CEP 87020-900
franciele.ferreiradias@gmail.com

² **Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão**
Departamento de Geografia
Av. Comendador Norberto Marcondes, 733, Campo Mourão-PR, Brasil - CEP 87303- 100
dianageografa@yahoo.com.br

RESUMO

Observam-se nas cidades, de forma geral, as diferenças sociais manifestadas na apropriação e produção social do espaço, processos frequentemente observados em cidades grandes e médias. Nesse artigo analisa-se a partir da escala local, o caso da pequena cidade paranaense Farol e suas diferenças sociais, sendo esse um processo social inerente ao sistema capitalista de produção. Foram considerados indicadores sociais disponíveis e outros elementos que permitem apreender essa diferenciação por meio da paisagem, como por exemplo, a arborização local, pavimentação asfáltica que ocorrem com maior intensidade em áreas habitadas por população de maior renda. Além da paisagem que expõe a diferença social, considerou-se ainda a morfologia urbana de Farol, analisando-se para isso, o Plano Diretor da cidade. Adicionalmente, os dados obtidos através do IBGE e de entrevistas com o poder público da cidade, corroboraram a nítida diferença social manifestada na cidade e a consequente segregação residencial. Torna-se autêntica a manifestação da diferença social caracterizada por uma segregação residencial mesmo em uma pequena cidade tal como Farol.

Palavras chave: Segregação Residencial, Diferenciação Socioespacial, Farol.

ABSTRACT

It is observed in cities, in general, the differences expressed in social ownership and social production of space, processes normally observed in large and medium cities. In this article we analyze from the local scale, the case of the small town Farol and their social differences, making a social process inherent in the capitalist system of production. Social indicators were considered available and other elements that allow the apprehension of this differentiation through the landscape, such as afforestation site, paving, occurring with greater intensity in areas inhabited by higher income population. In addition to the landscape that exposes the social difference, is still considered the urban morphology of the Farol, looking to this, the city's Master Plan. Additionally, data obtained from the IBGE and interviews with the government of the city, confirmed the social differences manifested in the city and the resulting residential segregation. It is the authentic expression of social difference characterized by residential segregation even in a small town such as Farol.

Keywords: Residential Segregation, Sociospatial differentiation, Farol.

1 INTRODUÇÃO

Uma das temáticas exploradas na Geografia Urbana tem sido a diferenciação socioespacial e as consequências no uso e apropriação do espaço urbano. Um dos processos resultantes da diferenciação socioespacial é o processo de segregação. A segregação muda em terminologia, de acordo com o momento histórico, e as realidades espaciais, podendo ser conceituada como residencial, urbana, espacial, ou socieespacial, mas como não é o objetivo desse trabalho tal averiguação, escolheu-se o termo segregação residencial.

É nas diferenças das habitações e na distribuição das classes sociais na cidade, que a segregação se mostra como objeto de estudo da geografia, ou seja, na manifestação de um processo social em um dado espaço geográfico.

Observa-se que a segregação residencial e as diferenças sociais têm, na maioria das vezes, sido abordadas para o caso de cidades médias e grandes, em espacial para as metrópoles, sendo o estudo referente a pequenas cidades, pouco frequente. Para a cidade objeto de estudo desse artigo, Farol (PR), ressalta-se a escassez de bibliografia.

É possível que tais estudos sobre as pequenas cidades não ocorram, devido ao fato de que muitos pesquisadores acreditam que a diferenciação socioespacial não ocorre ou não seja relevante nesses espaços urbanos.

Dessa forma, procurou-se um levantamento dos resultados das diferenças sociais em cidades de menor porte, ou seja, com o objetivo de demonstrar que existem motivos para a realização de tais estudos. Também, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, analisando-se como os estudiosos têm tratado à temática. Salienta-se que, foram levantados estudos de geógrafos, embora a contribuição da sociologia e economia possa ser relevante na temática abordada.

Tomou-se por referência espacial concreta para uma análise detalhada, a cidade de pequeno porte Farol, ainda que as reflexões teóricas e o processo de segregação residencial

problematizado no artigo digam respeito às pequenas cidades de forma geral.

Em relação às escalas empregadas para os estudos urbanos, Corrêa (2006) afirma que tais estudos se realizam na rede urbana e no espaço intra-urbano, ou seja, a divisão econômica do espaço juntamente com a diferenciação social do espaço. Nesse artigo procurou-se a análise do espaço intra-urbano de Farol.

Na diferenciação socioespacial do espaço urbano, deve-se considerar a infraestrutura, arranjos espaciais, características populacionais, tamanho das cidades, etc. Optou-se, na análise das diferenças sociais em Farol, pela compreensão da segregação manifestada no espaço urbano, através da distribuição de classes sociais, evidenciada nas residências e na infraestrutura disponível em cada local da cidade.

A análise da urbanização e da diferenciação socioespacial em Farol se dá na escala local, embora, seja útil a compreensão de fatos e fatores que ocorrem em outras escalas. Nesse sentido faz-se uso da compreensão e análise da urbanização brasileira e as mudanças nesse processo, de acordo com Santos (2005).

2 ESTUDOS EM CIDADES DE DIFERENTES TAMANHOS

Não sendo um tema recente, a discussão sobre as pequenas cidades, já foi pauta em trabalhos como Davidovich e Geiger (1961), Davidovich (1995) e Santos (1982), apesar da terminologia ainda não ter sido utilizada.

Bezerra e Lima (2011) consideram relevantes os estudos relacionados a pequenas cidades e reconhecem a fragilidade metodológica de sua conceituação:

As dificuldades no estudo das pequenas cidades passam por algumas questões fundamentais, dentre as quais a fragilidade na elaboração de um arcabouço teórico metodológico para o estudo de tais espaços; a importância dada ao tema, já que os principais estudos sobre o fenômeno urbano brasileiro versam sobre as grandes cidades; além da grande diversidade e heterogeneidade regional brasileira (BEZERRA E LIMA, 2011, p.44).

Jimenez (1985) destaca o fato da maioria dos estudos urbanos terem como foco cidades médias e grandes, negligenciando-se estudos às áreas rurais e pequenas cidades. Ele destaca a importância em pesquisá-las, pois quanto menor o tamanho da cidade, menos planejamento tem sido feito. O autor analisa as cidades espanholas Malaha, que contava em 1985 com 1.515 habitantes e uma cidade de maior porte, Quintanar de La Orden, com 8.920 habitantes, no ano de 1981. Nesse artigo importa mais o primeiro caso, já que possui uma população parecida à de Farol.

No caso de Malaha, Jimenez (1985) destaca sua economia, o surgimento do núcleo urbano com sua respectiva expansão, e os entraves físicos e econômicos que evitam a expansão urbana para o lado norte. Também, Jimenez (1985), nota que há nessa cidade, a diferenciação espacial na área urbana, observáveis através das diferenças físicas das habitações e pela localização das mesmas.

O autor considera que os agentes que constroem o espaço urbano de pequenas cidades, ou seja, os proprietários do solo, poder público, promotores fundiários, atuam diretamente no processo de segregação.

Mostra-se claramente, a especulação imobiliária e a influência na expansão urbana no preço dos terrenos, embora os custos das construções não se elevem muito, pois esses promotores também são habitantes da cidade. As habitações são destinadas as vendas, mas devido ao baixo nível econômico da população, além dos gastos com alguns trâmites administrativos não há a elevação excessiva dos preços das habitações.

Contudo, o autor lembra que a administração do município em questão realizou um projeto para estabelecer normas para a expansão urbana e para definir os usos do solo urbano e condições para as edificações.

Jimenez (1985) salienta que se deve observar a condição das pequenas cidades ao praticar leis e modelos usuais em cidade grandes e médias, devido as suas especificidades. No caso da Espanha, a intervenção do Estado se dá principalmente no planejamento urbano.

No Brasil, a atuação do Estado na construção do espaço urbano se dá além do planejamento urbano. Ocorre a atuação direta do Estado através da construção de conjuntos habitacionais, e financiamentos realizados através de órgãos de fomento, e recentemente tem destaque, o programa do Governo Federal “Minha Casa Minha Vida”. A atuação do Estado no espaço urbano se dá em todas as esferas administrativas e no âmbito do estado do Paraná, através da Companhia de Habitação do Paraná - COHAPAR. Notou-se que Farol apresenta habitações construídas ou financiadas pelo Estado, através da COHAPAR e pelo programa “Minha Casa Minha Vida”.

Para cidades brasileiras de porte médio, ou próximo, há estudos que analisam a segregação e/ou a diferenciação socioespacial como Moura (2010), para a cidade de Campo Limpo Paulista (SP), com 74.074 habitantes, Pereira (2006), Marisco (2003) analisa Presidente Prudente - SP que possui 207.610 habitantes, e Corghi (2008) estuda o caso de Bauru (SP), com 343.937 habitantes. Silveira (2003) analisa a segregação espacial em Santa Cruz do Sul (RS), que possui 118.287 habitantes, Papi (2009), analisa Alvorada (RS), com 195.718 habitantes, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, dados populacionais, IBGE, 2010.

Há ainda as contribuições de Rodrigues (2004), para o estudo da segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá. Schmidt (2009) estudou a segregação socioespacial em Guarapuava (PR). Zanatta (2010) realizou estudos sobre a segregação socioespacial em Londrina, relacionando a intensa verticalização da cidade. Além dos estudos citados, há inúmeros outros, para cidades brasileiras com população entre 50 mil habitantes até grandes cidades.

Destaca-se a extensa bibliografia de autores brasileiros sobre segregação em metrópoles, que trouxeram importantes contribuições teóricas sobre o tema, indo além de estudos de caso, podendo relacionar Villaça (1998), Caldeira (2000), Sposito (1996), Santos (1990), entre outros.

Por sua vez, Corrêa (2006) norteou a elaboração dessa pesquisa uma vez que analisa a diferenciação socioespacial em relação às escalas espaciais, sendo possível a manifestação dessa situação em cidades de pequeno porte tais como Farol.

Portanto, embora o tema seja muito estudado no âmbito da Geografia Urbana, para cidades de porte médio e grande, ele não é comum para as pequenas cidades.

Em um dos poucos estudos que tenta suprir tal lacuna, Roma (2008) analisou duas pequenas cidades paulistas, Mariápolis com 3.916 habitantes e Oswaldo Cruz com 30.917 habitantes, (IBGE, 2010), sendo a primeira, de porte semelhante ao objeto de análise desse artigo, Farol. A autora buscou entender a escala da rede urbana a qual tais cidades estão inseridas e analisou os critérios que levaram a segregação socioespacial em Oswaldo Cruz. Ela levantou, ainda, a hipótese de, no caso de Mariápolis, ocorrer uma segregação interurbana, na medida em que essa cidade possui dependência em relação a comércios e serviços das cidades maiores ao redor.

3 A PEQUENA CIDADE E A ESCALA LOCAL

Nota-se que não há um padrão para se definir as pequenas cidade e sim diversas formas de se entendê-las. Apesar das pequenas cidades serem bastante representativas no quadro total das cidades brasileiras, os estudos que têm estes espaços como focos de análise ainda enfrentam dificuldades no avanço em relação a conceitos, parâmetros e metodologias.

De acordo com Endlich (2007), predomina no Estado do Paraná, os municípios com pequenas sedes urbanas, e com população pequena, ou seja, pequenas cidades, sendo que, dos 165 municípios paranaenses, Farol é um dos 88 que possui até 5 mil habitantes e em sua sede urbana, concentra-se (58%) da população.

Deve-se lembrar que em 2000, a taxa de urbanização de Farol era de 49% (IBGE, 2000), portanto ocorreu na última década uma expressiva urbanização desse município, sendo

útil analisar como a diferenciação socioespacial se mostrou com tais mudanças.

Em relação à definição de pequena cidade, Estevez E Urgani (2011) realizaram um estudo sobre as residências secundárias em pequenas cidades – caso de Porto Rico/Paraná. Consideram o fator populacional como parâmetro para definir em sua pesquisa, as pequenas cidades.

Para Fresca (2010), a “palavra pequena é um adjetivo, que remete à noção de tamanho, dimensão e no caso das cidades, uma associação entre pequeno número de habitantes com pequena área - no sentido mensurável - ocupada por uma cidade” (Fresca, 2010, p.76). Salienta ainda que os termos *centros locais* e *pequenas cidades* são utilizados muitas das vezes como sinônimos, mas que cada um possui um significado distinto.

Farol é uma pequena cidade, pois se enquadra nos critérios populacionais do IBGE para essa classificação, ou seja, aglomerados entre 500 e 100.000 mil habitantes. Também se classifica como um centro local, pois exerce sua centralidade apenas nos limites do respectivo município, tal qual se observa na Figura 1.

De acordo com a definição de Fresca (2010), a cidade de Farol é considerada um centro local:

A denominação centro local refere-se ao menor escalão das cidades no Brasil - termo este difundido a partir dos estudos sobre redes urbanas tendo na teoria das localidades centrais seu referencial analítico - considera o papel dos centros urbanos de uma rede na distribuição de bens e serviços. A centralidade dos núcleos deriva de seus papéis na distribuição de bens e oferta de serviços, sendo este considerado como o elemento para a análise e o estabelecimento de sua hierarquia (FRESCA, 2010, p.77).

Em relação à rede urbana, Corrêa (2001), considera que se trata de centros urbanos funcionalmente articulados entre si, onde os nós são os núcleos de povoamento, havendo fluxos entre os centros. Essa rede urbana se faz presente no Estado do Paraná, pois há as condições afirmadas por Corrêa (2001), a existência de sociedade em economia

de mercado, transações comerciais que envolvem bens produzidos localmente e externamente, pontos fixos no espaço permanente ou temporário, onde se dá as transações e interações entre esses pontos, sendo possível notar uma diferenciação hierárquica e especialização produtiva.

De acordo com Corrêa (2001), as pequenas cidades pautam suas economias apenas em suas redondezas, comercializando produtos agrícolas locais e das áreas circunvizinhas, sendo que a economia de uma cidade deve atender ao exterior e ao consumo interno, e a economia externa que define a função econômica de uma cidade. Corrêa (2001) afirma ainda que, a cidade não é autossuficiente e o seu tamanho é determinado pela sua capacidade de importar, que resulta do valor de sua exportação, que ao gerar uma renda alta atraem imigrantes e há um crescimento do mercado interno, ou caso contrário, torna-se uma cidade com poucas funções.

A economia de Farol, pauta principalmente ao setor agrícola, que representa o PIB de R\$ 28.942 mil. Os setores

secundários e terciários não se mostram relevantes e representam o PIB de R\$ 2.299 mil. e R\$ 36.625 mil, respectivamente. A cidade possui 51 empresas com 338 pessoas empregadas, IBGE 2009.

É importante notar que o município teve perda populacional, pois em 1996 possuía 4.073 habitantes e em 2010, 3.472 habitantes, (IBGE, 2010). Tais dados demonstram a estagnação da economia local.

4 O ESPAÇO URBANO DE FAROL

A ocupação da área onde hoje se localiza o município de Farol iniciou-se em 1942, com famílias oriundas do sul do Paraná.

O município se manteve como distrito de Campo Mourão (PR) até o ano de 1991, quando foi emancipado. Farol localiza-se no noroeste paranaense e tem como municípios limítrofes: Araruna e Tuneiras do Oeste, ao norte, ao sul Boa Esperança e Mamborê, a leste Campo Mourão e a oeste Janiópolis. Localiza-se a 486 km de Curitiba, (Prefeitura Municipal de Farol, 2011).



Figura 1: Hierarquia dos Centros Urbanos

Fonte: IPARDES, 2007

Localização de Farol adaptado por: Ferreira Dias, (2012).

Farol está situado na Mesorregião Centro Ocidental do Estado do Paraná, com altitude média de 630 metros e área territorial de 289 km² (IBGE - Cidades, 2009). O município possui 3.472 habitantes, sendo que 2018 habitantes residem na área urbana e 1.454 habitantes residem na área rural (IBGE, 2010).

Endlich (2011) observa que o imaginário criado acerca das pequenas cidades se relaciona a locais com tranquilidade, onde nem sempre se percebe as contradições sociais. Em seu estudo a autora observa esses aspectos, através da análise da morfologia urbana, de alguns pequenos municípios setentrionais paranaenses (Colorado, Querência do Norte, Rondon, Terra Rica). Analisa a área urbana dos referidos municípios, mas destaca que os processos são observáveis em outras escalas e compreende que as áreas da cidade são diferenciáveis de acordo com o período histórico, sendo o plano urbano, reflexo das etapas de crescimento da cidade e da sua evolução histórica.

Há poucos anos Farol é um município emancipado e embora se considere nesse estudo os aspectos históricos e a formação socioespacial local, a análise da diferenciação socioespacial em Farol se pauta no ano de 2011.

Em visitas a campo observou-se a infraestrutura local. Pode-se verificar que na área central da cidade, se localiza os órgãos e estabelecimentos relacionados à administração pública, tais como a Biblioteca Cidadã, a Casa da Cultura, o CMEI, o Centro de Saúde da Mulher, e outros, sendo a área com melhor infraestrutura na cidade, ruas limpas, e asfaltadas e presença de sistema de esgotos (Figuras 2 e 4). Notou-se que o número de espécimes arbóreos nestas ruas é superior ao restante da cidade, portanto o local é valorizado devido essa amenidade oferecida e pela presença de infraestrutura urbanística. Na área central se concentra o comércio local, não havendo subcentros comerciais.

O padrão físico das casas também se diferencia das outras áreas da cidade (Figura 2). O metro quadrado nessa área da cidade é mais valorizado e o valor é em média R\$

60.000 mil reais, para um terreno de 300 metros quadrados. Em outras partes da cidade encontraram-se terrenos também de 300 metros quadrados por valores entre R\$ 10.000 reais e R\$30.000 reais.

De acordo com dados do IBGE (2010), há em Farol 1096 domicílios ocupados, 3 (três) domicílios coletivos, quatro (4) vazios (fechados), 25 de uso ocasional e 99 não ocupados, provavelmente aguardando uma valorização, disponíveis para locação, ou em estado de reforma/construção. Portanto há o predomínio em Farol de residências unifamiliares.

Em relação à situação dos domicílios, há 1096 efetivamente ocupados, sendo 754 próprios, 108 alugados, 224 cedidos e dez (10), outras formas. Portanto nota-se que há mercado imobiliário em Farol, bem como carência habitacional.

Nota-se que há desigualdades nas rendas obtidas nos 1.096 domicílios permanentes de Farol.

Tabela 1: Domicílios e faixas de rendimentos

Faixa de rendimento – Domicílios particulares permanentes	Quantidade de domicílios
Mais de 20 salários mínimos	9
Mais de 10 a 20 salários mínimos	16
Mais de 5 a 10 salários mínimos	81
Mais de 2 a 5 salários mínimos	368
Mais de 1 a 2 salários mínimos	363
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	184
Até 1/2 salário mínimo	54
Total de domicílios	1096

Fonte: IBGE (2010)

Org. Ferreira Dias, (2012).

Analisando tais dados é possível concluir que há diferentes classes sociais habitando Farol e que as diferentes rendas se manifestam nos tipos de habitações e na localização das mesmas, conforme as figuras 2,3 e 4 demonstraram.

Há em Farol quatro conjuntos habitacionais padronizados que foram realizados em parceria com a COAPHAR, Prefeitura Municipal de Farol e Governo Federal. Observa-se o Estado atuando na construção do espaço urbano através de tais moradias, que foram destinadas as classes de

menor poder aquisitivo, semelhante ao que ocorre em outras cidades brasileiras.

Nos conjuntos habitacionais, Cidade Nova e Bela Vista, já há unidades habitacionais não pertencentes ao proprietário original, ou seja, já foram vendidas e conseqüentemente reformadas, obtendo nítida valorização. As prestações mensais dos mesmos então entre R\$28,00 e R\$23,00 desde a implantação até o presente.

O Conjunto Vila Mendes é o mais precário, não se encontra presente no mapa urbano e se mostra um bairro segregado, pois há distanciamento físico em relação ao núcleo urbano, residências de baixo padrão, bem como falta de iluminação pública, asfalto, calçamento. O Conjunto Habitacional Sol Poente estava em construção durante o Plano Diretor de Farol (Figura 5). O padrão das residências é superior aos demais conjuntos habitacionais, embora os moradores paguem prestações mais elevadas no financiamento dessas moradias, R\$185,00, sendo que, muitos proprietários venderam seus imóveis.

As ruas adjacentes ao centro, ou seja, a zona periférica de centro se mostra um local deteriorado, sem asfalto, arborização, com ausência de sistema de esgoto, coleta de lixo, notável processo erosivo e residências antigas e mal conservadas.



Figura 2: Residência na Rua Paraná, Centro.
Fotos: Lima, (2011).

Normalmente as pequenas cidades têm disposições ortogonais e a área mais antiga, é habitada pelas classes mais abastadas, o que

ocorre também em Farol, sendo possível observar a forma da cidade na figura 5.



Figura 3: Rua Pernambuco, Centro.
Fotos: Lima, (2011).



Figura 4: Rua Bahia, área periférica.
Fotos: Lima, (2011).

5-RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com Munford (1998), as diferenças sociais surgem junto com as cidades, pois antes das cidades, “Se alguma divisão do trabalho existe é da espécie rudimentar, determinada mais pela idade e pela força do que pela aptidão vocacional. Quem olha o rosto de seu vizinho, enxerga a própria imagem” (Munford, 1998, p.25). Ou seja, é com a divisão social do trabalho que surge as diferenças sociais, que se manifestam no uso, ocupação e produção do espaço urbano.

Não foi o simples aumento de população que transformou as aldeias em cidades, mas emergiu da cultura paleolítica e da composição humana da cidade, mais

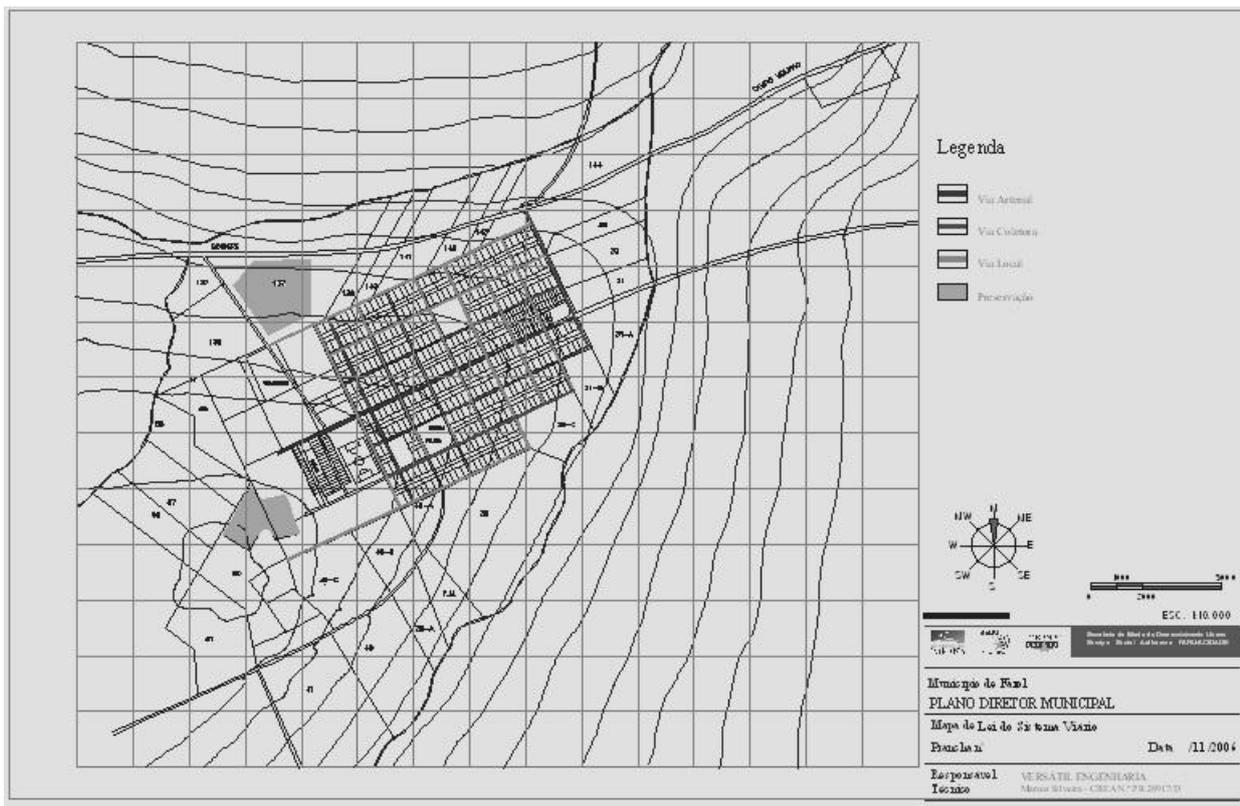


Figura 5: Farol, Planta Municipal com Sistema Viário - 2006.
Fonte: Prefeitura Municipal de Farol, (2006).

complexa: mineiro, lenhador, pescador, cada um com seus instrumentos e habilidades, o que levou a criação de uma ainda superior, ou seja, o homem já não fazia tudo, pois havia se especializado.

O estabelecimento de um monopólio econômico e político foi um requisito inicial para o estabelecimento das cidades, diminuiu a distância física entre os habitantes, mas aumentou a distância psicológica, ou seja, criou-se uma cultura urbana, em que se deseja a separação daquele que não é da mesma classe social, o que leva a segregação. Esta combinação de concentração e mistura, com isolamento e diferenciação é uma das marcas características da nova cultura urbana.

Lefebvre (2008) considera que existe uma divisão das cidades, de acordo com suas funções econômicas o que lhes conferem lugar na rede, sendo que a centralização do poder se dá onde há o acúmulo do capital e embora ainda conserve a vida em comunidade, há a presença das classes.

A segregação deve ser focalizada com seus três aspectos, ora simultâneos, ora

sucessivos: espontâneo (proveniente das rendas e das ideologias), voluntário (estabelecendo espaços separados), programado (sob o pretexto de arrumação do plano) (Lefebvre, 2008, p.97).

É possível observar esses três aspectos em Farol. Espontâneo, com o núcleo central conservando a situação inicial de moradia dos indivíduos de maior poder aquisitivo e centro de decisões, comércio e serviços. Voluntário, quando há procura por determinado local da cidade, entre outros motivos, pela presença de infraestrutura que não existe ou é deficiente em outras áreas. Programada, com a construção, por exemplo, do Conjunto Vila Mendes, que já surge de forma segregada.

Portanto, a segregação é a divisão social do espaço urbano e esta se dá na pequena cidade Farol, pois existem diferenças sociais nessa cidade e, portanto, diferentes interesses sociais e econômicos.

A diferenciação espacial, de acordo com Corrêa (2006) deve ser entendida como partes da ação humana, sendo tais diferenças são inevitáveis, pois se vive num período

capitalista, embora as diferenças de classes tenham surgido junto com a própria cidade, é fato que tais diferenças se aprofundam no sistema capitalista de produção. Na realidade, as diferenças socioespaciais, ou seja, as diferenças que a sociedade emprega aos espaços são reflexos do funcionamento do sistema capitalista de produção.

Harvey (1989) considera que as diferenciações sociais se dão porque indivíduos semelhantes quanto à renda e ao padrão cultural tendem a residir juntos, e considera que, a economia neoclássica não consegue explicar a diferenciação residencial, pois para ela, isso é resultado da soberania do consumidor. (p.110). Para ele, é necessário conhecer o processo de estruturação de classes sociais, pois só assim pode se entender a segregação residencial.

Castells (1983) considera que a distribuição das residências no espaço produz a sua diferenciação espacial, para o autor, a distribuição dos locais de residência se relaciona com renda, status. A estratificação social, por sua vez, se mostra através da segregação urbana.

Em relação às escalas empregadas para os estudos urbanos, Corrêa (2006) afirma que ocorre na rede urbana e no espaço intra-urbano, ou seja, a divisão econômica do espaço juntamente com a diferenciação social do espaço. Nesse artigo procurou-se a análise do espaço intra-urbano de Farol

Corrêa (1997) afirma que a segregação socioespacial é um processo espacial, onde há o controle por uma classe dominante, ou indiretamente do Estado, sobre o espaço urbano, através do controle de terras, especulação imobiliária, e outros artifícios que leva a valorização e implementação de infraestruturas destinadas a quem pode pagar por isso, enquanto as pessoas de menor poder aquisitivo ficam inviavelmente desassistidas pelo estado, morando em localizações distantes, precárias, perigosas, etc.

A situação observada em Farol corrobora com Endlich (2010), pois a cidade apresenta sua estruturação urbana semelhante a outras cidades, inclusive as pequenas, com as famílias mais pobres morando na periferia, em

moradias diminutas e precárias.

“(..)Guardadas as devidas proporções, estas pequenas cidades também expressam em sua paisagem as diferenças na distribuição de renda e de acumulação de riquezas. Portanto, embora se fale de uma maior integração social, observa-se que a diferenciação social também já se encontra materializada territorialmente nas pequenas cidades. É certo que a complexidade é menor em relação ao que se poderia identificar nas grandes ou médias cidades brasileiras (ENDLICH, 2011, p.7).

Farol, apesar de inserida em uma região com presença de indústrias, não apresenta essa atividade economia, o que se faz marcante na disposição do tecido urbano, que pode ser no aspecto teórico associado às cidades pré-industriais. Nessa discussão teórica, a cidade poderia se aproximar do modelo proposto por Kohl, de acordo com Rocha (2009) e Corrêa (1997).

Porém, é difícil empregar um modelo de estruturação socioespacial a uma cidade, pois de acordo com os autores, as cidades podem ter aspectos de vários modelos (KOHL, HOYT, PARK e BURGESS), o que muda com o decorrer do decorrer do tempo e no espaço, devendo-se à industrialização o conseqüente crescimento urbano e populacional e, portanto as mudanças nos padrões da cidade, o que ainda não ocorreu a Farol.

O modelo de Kohl reconhece o centro habitado pelas elites, e a periferia pelos trabalhadores e pessoas de baixo poder aquisitivo, sem a presença da indústria e sem um CDB destacado, o que se mostra em Farol, embora, como destacado anteriormente, há resquícios de outros modelos, no caso, Park e Burgess, porque já se nota a degradação da Zona Periférica de Centro, bem como a atuação de empreendedores imobiliários.

A planta do município de Farol (Figura 6) mostra os conjuntos habitacionais, que se mostraram os locais mais precários de Farol, localizam-se nos arrabaldes da cidade e os terrenos maiores e mais regulares na área central, mais valorizada pelo mercado imobiliário e bem servida de equipamentos públicos.

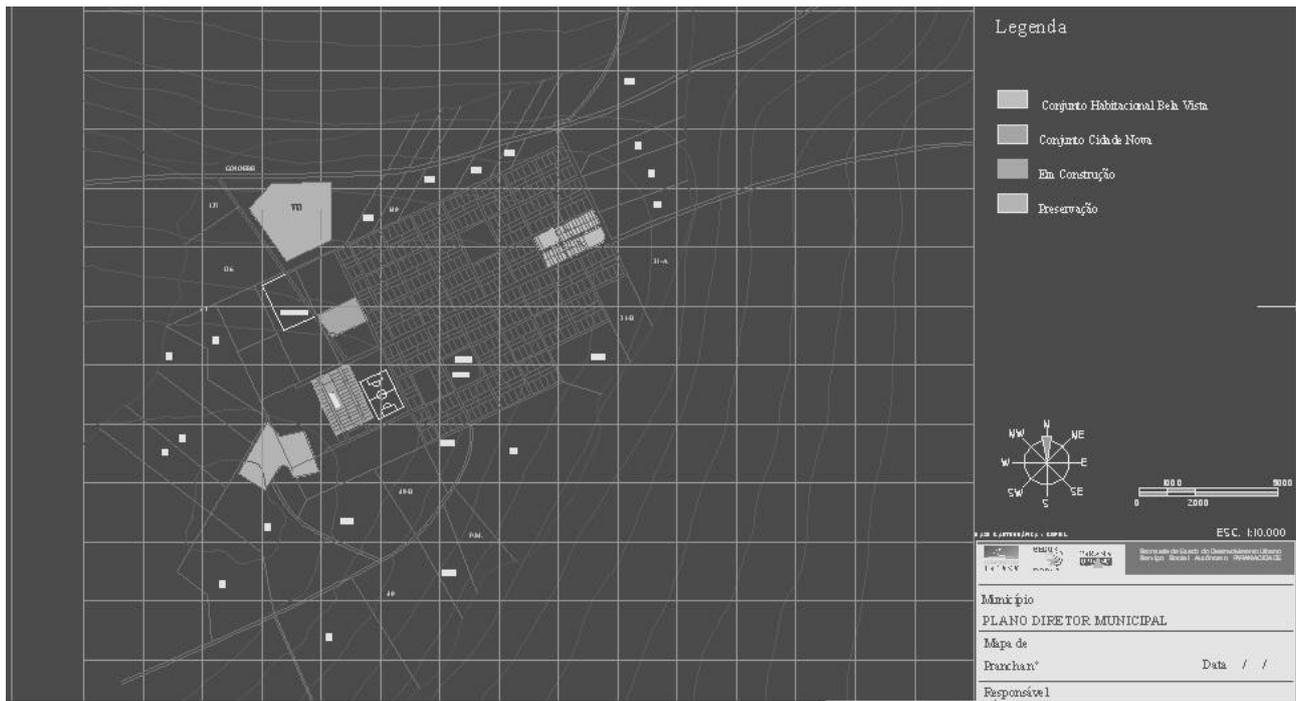


Figura 6: Planta do Município de Farol com os conjuntos habitacionais.

Fonte: Plano Diretor Municipal (2006)

5.1 A segregação residencial: O caso do Conjunto Vila Nova (Vila Mendes)

Além das observações empíricas no local, realizou-se uma entrevista com o secretário de Obras e Meio Ambiente do Município de Farol, na busca da compreensão da situação de degradação que o bairro se encontra. O entrevistado relatou que a Vila Mendes era até 2009, um aglomerado de casas de madeira velhas, sem acesso a energia elétrica, à água encanada, afastadas do perímetro urbano. Em 2009 foram construídas pequenas casas de alvenaria para retirar a população da situação de extrema pobreza que vivia (figura 7). O secretário afirmou que se esperam melhorias na infraestrutura local brevemente, e que esta em construção mais 27 moradias próximas a esse bairro.

A situação de bairro segregado se notou em razão da precariedade das habitações da pouquíssima infraestrutura local, contando apenas com água encanada e energia elétrica, havendo ausência de asfalto e galerias pluviais. Observou-se ainda, grande quantidade de lixo e entulho espalhados pelas ruas.

Quanto à abertura de uma passagem pela estrada que liga ao viveiro, de acordo com

o entrevistado, não será realizada devido os roubos que ocorrem aos equipamentos públicos naquele local. A intenção é circundar toda a área para impedir que a população circule pelo atalho que liga o conjunto a área urbana. Assim, a população, será obrigada a passar somente pela estrada aberta no entorno do perímetro urbano, distanciando-se da área urbana.



Figura 7: Residências no Conjunto Vila Nova.

Fotos: Lima, (2011).

A figura 8 demonstra um dos aspectos da segregação residencial, o isolamento/distanciamento, pois a imagem denota a falta de vias de acesso ao bairro e o Estado enquanto responsável pela infraestrutura urbana deve oferecer aos moradores.



Figura 8: Atalho que liga a Vila Mendes a área urbana de Farol.

Fotos: Lima, (2011).

Apesar das adversidades encontradas na Vila Mendes, em conversas com moradores, notou-se que esses estão “conformados” com os problemas enfrentados no local. O nome Vila Mendes, antigo nome do local prevalece no imaginário dos moradores, embora para a prefeitura de Farol, o bairro seja denominado Vida Nova.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia do espaço urbano de Farol demonstra uma cidade em formato ortogonal, com predomínio de funções comerciais e administrativas no centro. Farol possui apenas uma avenida (via arterial) onde se localiza o comércio.

A diferenciação social existe, pois há várias classes de diferentes poderes aquisitivos habitando diferentes tipos de habitações e em diferentes localizações no perímetro urbano. Porém, notou-se que alto status social, localiza-se no centro, médio na zona periférica de centro e baixo status na zona periférica. Tal situação reflete a cidade de pequeno porte, sem comércio e serviços desenvolvidos e sem setor industrial.

Notou-se que o pericentro de Farol ainda não passou por uma renovação urbana, ou seja, por uma gentrificação, e se mostra um local habitado por pessoas de menor poder

aquisitivo, embora a situação de degradação se mostre mais nítida nos arrabaldes da cidade.

Pode-se concluir que há um mercado imobiliário em Farol, especulação imobiliária e certamente a valorização do espaço urbano, pois há o interesse na melhoria das habitações, bem como se nota a separação das classes sociais, com indivíduos com maior poder aquisitivo residindo no onde há melhor infraestrutura e amenidades. As classes de menor poder aquisitivo residem na zona periférica de centro e bairros periféricos, sendo notável a situação precária do Conjunto Vila Mendes, que se acha segregado pela distancia física, pela falta de infraestrutura e pela situação de pobreza das habitações, cabendo um estudo mais aprofundado a cerca desse bairro em questão.

Lefebvre (2008) afirma que a tendência anti-segregação é ideológica, fruto do humanismo liberal, da filosofia da cidade, porém na realidade, a cidades em geral, caminham para a segregação, porque existem diferenças sociais, que foram aprofundadas pelo sistema capitalista de produção. Embora a segregação não seja algo agradável, o poder público permite que ocorra através do plano diretor, e quando atua na própria construção do espaço urbano.

Observou-se nitidamente a atuação do Estado na construção do espaço urbano diretamente com os conjuntos habitacionais e na distribuição irregular de infraestrutura valorizando certas áreas da cidade em detrimento de outras e colaborando com o processo de segregação residencial

Portanto, Farol se mostra uma pequena cidade, não industrializada, com uma economia simples, mas que obviamente está inserida no capitalismo e em uma rede de cidades, revelando, a diferença social dentro de seu espaço urbano e na construção de um processo de segregação residencial.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Josué Alencar, QUEIROZ, Keiliane de. **Revista GEO Temas, Pau dos Ferros**, Rio Grande do Norte, Brasil, v. 1, n. 1, p. 43-54, jan./jun., 2011.

- CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- Companhia de Habitação do Paraná
COHAPAR, Disponível em:
<http://www.cohapar.pr.gov.br/>
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1997.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Diferenciação Sócio-Espacial, Escalas e Práticas Espaciais**, In: Revista Cidades, v, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DAVIDOVICH, F. R. Considerações sobre a urbanização no Brasil. In: BECKER, B. K. et. Al. (Org.). **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- DAVIDOVICH, F. R.; GEIGER, P. P. Aspectos do fato urbano no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, abr./jun. 1961.
- ENDLICH, Ângela Maria. Formação Socioespacial da Região Noroeste do Paraná e Pequenas Cidades. **Boletim de Geografia**, Maringá, v.25, n.1, 2007.
- ENDLICH, Ângela Maria. Território e Morfologia Urbana em Pequenas Cidades: O Que Revelam? In: **Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 13, 2011, San Jose, Costa Rica, 2011.
Disponível em:
<http://www.egal2011.geo.una.ac.cr/>
- FRESCA, Tânia Maria. Centros Locais e Pequenas Cidades: Diferenças Necessárias. **Revista Mercator**, Fortaleza, nesp., dez./2010, p. 75 - 81.
- HARVEY, David. **The Urban Space**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989. p 109-127.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: Resultados Preliminares e Cadastro Central de Empresas, 2009 e IBGE – Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – **Mapa Hierarquia de centros urbanos**. Curitiba: IPARDES, 2007.
Disponível:
http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_contudo=1&cod_conteudo=27
- JIMENEZ, Antonio Moreno. Problemas Urbanísticos em Pequenos Municípios: um Estudo de Casos. **Estudios Geográficos**, Madrid, octubre-diciembre, 1985, p.417-445.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.
- MOURA, Juliana Andrade de. **Metropolização e Segregações Urbanas em Campo Limpo Paulista, SP**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), USP - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PAPI, Willian da Silva. **Segregação socioespacial e problemas urbanos em municípios metropolitanos: O caso de Alvorada na região metropolitana de Porto Alegre**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FAROL** disponível em:
<http://farol.eprefeituras.com.br/>
- ROCHA. Lilian Hahn Mariano da. Padrões Locacionais da Estrutura Social: Segregação Residencial nas Cidades Latino Americanas - Algumas Considerações. Santa Maria-RS, UFSM. In: **Encuentro de Geógrafos de**

América Latina, 12, Montevideo, 2009.
Anais....Montevideo, 3-7 abr/2009. Trabajo n.
5693.Disponível em:
<http://egal2009.easyplanners.info/area05/5693>

ROMA, Cláudia Marques. **Segregação Socioespacial em Pequenas Cidades**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNESP/Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **Metrópole Corporativa Fragmentada**. São Paulo: Nobel, 1990.

SPOSITO, Maria Conceição Beltrão. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados-MS, n.4, set-dez, 1996. p. 71-85.

SILVEIRA, Rogério. L. da Silveira. **Cidade, Corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edunisc, 2003.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio: Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

Data de submissão: 10.02.2012

Data de aceite: 24.04.2012

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.